

Breve panorama da arte pré-histórica africana

Augusto Henrique Lopes Costa¹

Resumo: Resenha desenvolvida para a disciplina EBA A 46 – Tópicos Especiais: Filosofia da Arte, ministrada por Elyane Lins Corrêa no 2º semestre de 2021, a respeito de um breve panorama da Arte Pré-histórica Africana, por meio de perspectivas de J. Ki-Zerbo, tecidas no capítulo vinte e seis da obra História Geral da África – Metodologia e pré-história da África.

Palavras-chaves: Arte Pré-histórica; África, J.Ki-Zerbo.

¹ **Augusto Henrique Lopes Costa**

Mestrando do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFBA.
Bacharel Interdisciplinar em Artes e Design com Licenciatura em Artes Visuais pela UFFJ. Especialista em Ensino de Artes Visuais pela UFMG.

Contato: augusto.henriquelc@hotmail.com

Pensar a arte pré-histórica africana, é ir aos poucos percebendo que com ela o homem africano primitivo, em seu espaço e tempo, mostrou seu domínio a natureza, ao mesmo tempo, que seu afastamento consciente dela. O meio ecológico, assim como as emoções desenvolvidas na arte mural africana, pode ser olhado como o primeiro registro histórico desse continente. Obviamente que as nuances ambíguas e enigmáticas estarão sempre presentes, e por isso é importante incorporar saberes como a paleontologia, a climatologia, a arqueologia, a tradição oral etc. Essa produção artística, que hoje já não faz parte da vida dos africanos, merece mais pesquisa por ser um patrimônio imensurável. E no fim, por mais que já não habite o cotidiano dos africanos, ela permanece viva.

Podemos dizer que a estética dessa arte, que tem em suas características abordagens esculturais e cênicas é pautada na observação da realidade, na gravura e na pintura, mas de modos diferentes. Influenciada pela arte árabe, pela europeia e numa antiga tradição encontrada nos abrigos sob rocha e galerias pré-históricas, nota-se que a diversidade de estilos e exploração de técnicas específicas, nos dão pistas de um percurso até as criações estéticas modernas da arte africana.

Deve-se ter em mente que esses pintores e gravadores não pertenciam a um mesmo povo, tendo em vista que: o ateliê dos pintores era situado nos abrigos, já o dos gravadores nas colinas. No entanto, em algumas vezes, foi possível encontrar ambas em mesmos locais e com isso, perceber um padrão estético. Ainda assim, a discussão da autoria de obras de arte rupestre no sul da África é conflituosa, assim como a perspectiva dos homens neolíticos da Mauritânia, pois

não são as “raças” que fazem a história, e a ciência moderna não inclui a raça entre os caracteres somáticos superficiais. Todas as damas brancas das pinturas rupestres africanas, como a que existe na África do Sul, que tem apenas o rosto branco e que lembrava a Breuil os afrescos de Cnosos e a passagem de colunas de prospectores vindos do golfo Pérsico, representam sem dúvida sacerdotes, caçadores ou jovens africanas saindo de cerimônias de iniciação, como fazem ainda hoje, pintadas com caulim branco, cor que denota a morte de uma personalidade anterior e a ascensão a um novo status. (KI-ZERBO, 2010, p. 77)

Criou-se frágeis indicações de morfologia antropológica, como por exemplo o tal período das “Cabeças redondas” atribuído

aos negros, sendo que nunca foi relatado e/ou constatado um povo negro composto apenas de redondas cabeças, o que nos revela as armadilhas das convenções artísticas. Portanto, é de grande complexidade a explicação de características culturais africanas por meio da teoria das influências exteriores.

As influências artísticas e culturais devem ser definidas com precisão e não meramente feita por aproximações esdrúxulas, constantemente tentou ou tenta-se atribuir à inspiração dos artistas do continente africano a uma origem setentrional. Desconsiderando que a arte rupestre franco-cantábrica, pertencente ao Neolítico, sendo anterior à arte pré-histórica africana e que o Neolítico do Saara é anterior ao da Europa.

Os artistas pré-históricos africanos representavam diversos temas em suas produções: animais no cio, cenas de cópula humana em posições variadas, no rochedo Ahanna, no Uede Djerat (Tassili), homens mascarados com enormes falos eretos em direção a penetração em mulheres posicionadas ginecológicamente, no sul da África cenas da relação conflituosa entre os San e os Bantu, em In-Itimen figuras com trajes luxuosos, guerreiros uniformizados e arqueiros vestidos com mantos, enfim, é bem vasto, um fato curioso é que em se tratando da magia e religião, há certa obscuridade em seus misteriosos mitos. No geral, os afrescos da arte rupestre africana, revelam dimensões singulares de percepção estética e de vida.



FIGURA 26.9 Detalhe de uma gravura rupestre, Alto Volta (Foto J. Devisse).

FIGURA 26.10 Pintura rupestre, Namíbia (Foto A. A. A., Myers, n. 3808).



Fig. 01 Print de página.
Fonte: História Geral da
África – Metodologia e pré-
história da África

Olhar para a arte pré-histórica africana como documento primordial da história da África é fundamental, tendo em vista que, nas representações do período, nota-se a passagem gradual do estágio de captura dos animais, para o de seu aprisionamento e, posteriormente, a sua domesticação. As pinturas cinegéticas do Nilo até o Atlântico evidenciam uma civilização de caçadores, não importava o porte da caça.



FIGURA 26.12 Cena erótica, Tassili (Foto P. Colombel, n. 75321).

FIGURA 26.13 Cena erótica, Tassili (Foto P. Colombel, n. 731075).



Fig. 02: Print de página.
Fonte: História Geral da
África – Metodologia e
pré-história da África

A lenda de Sundiata, nos conta que em quase toda parte as armadilhas foram associadas a simbologia do caçador com grande padrão cultural de originalidade existente em quase toda a África.

A arte pré-histórica africana pode ser constituída sobre a infraestrutura das primeiras sociedades que viveram no continente, o ambiente ecológico é uma das vias de análise. Entretanto, deve-se ter em mente que a representação estética não é uma descrição objetiva do meio ambiente que lhe é

Fig. 03: Print de página.
Fonte: História Geral da África – Metodologia e pré-história da África

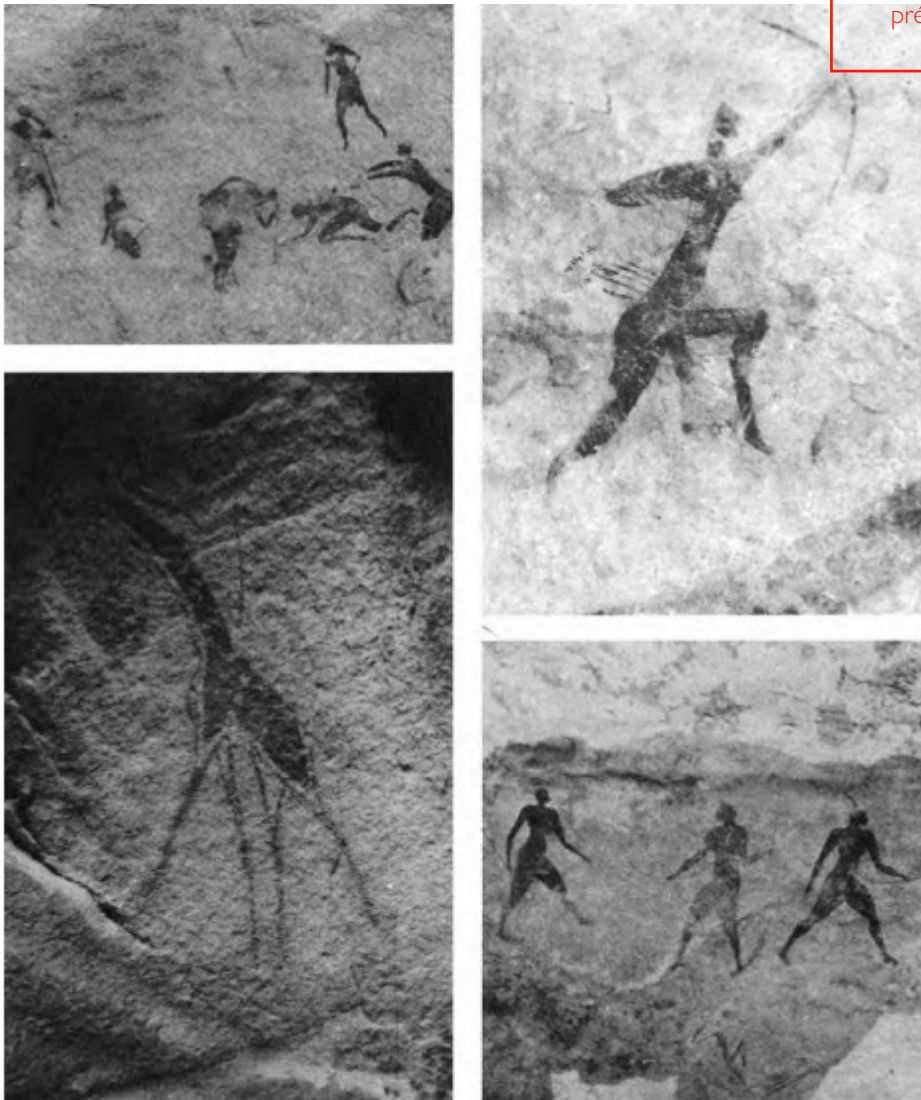


FIGURA 26.11 Pinturas rupestres, planalto do Tassili n'Ajjer, Argélia (Fotos A. A. A., 1 e 4 Naud, nº 12599, 12379; 2 e 3, Sudriez, nº 31, 43)

contemporâneo. Os artistas da pré-história podem ser lidos como os primeiros historiadores africanos, por em termos legíveis apresentarem os estágios progressivos do homem africano em suas relações com o meio natural e social. Poderíamos dizer que através dos quadros expostos ao ar livre, havia em geral, uma arte popular, além do sentido de uma intencionalidade histórica em sua criação.

A arte pré-histórica africana foi incontestavelmente um veículo de mensagens pedagógicas e sociais. Os San, que constituem hoje o povo mais próximo da realidade das representações rupestres, afirmam que seus antepassados lhes explicaram sua visão do mundo a partir desse gigantesco livro de imagens que são as galerias. A educação dos povos que desconhecem a escrita está baseada sobretudo na imagem e no som, no audiovisual, fato comprovado até hoje pela iniciação dos jovens na África subsaariana. Os petroglifos da arte são algo semelhante. No entanto, é evidente que o mito não explica tudo, pois, antes de produzir o mito, é necessário produzir e reproduzir a própria sociedade. Assim, o mito pode se tornar um meio privilegiado para melhorar (ou deteriorar) as forças produtivas e as relações de produção. Aliás, o próprio E. Holm sugere isso quando cita o caso do jovem San convencido de que a ponta de flecha talhada em quartzo brilhante é uma parte da estrela que ele invoca ao afiar o gume: “Você, que nunca erra o alvo, você, que é infalível, faça- -me atingir minha presa!” Essa frase é de alcance essencialmente utilitarista, ao contrário da conclusão idealista de Holm. Para sobreviver, o homem ordena e mobiliza o Universo. É essa a função do mito, mas não creio que seja a única. Não devemos permitir que a floresta de símbolos nos impeça de ver as árvores da realidade concreta. (KI-ZERBO, 2010, p. 762)

A representação rupestre, vulgo petróglifos representa uma linguagem de signos, pontes entre o real e a ideia, que requer viradas de chave para ser entendido. E é nesse sentido que “podemos estabelecer como princípio geral de que a arte pré-histórica africana deve ser interpretada sobretudo a partir de referências autóctones” (KI-ZERBO, 2010, p. 759).

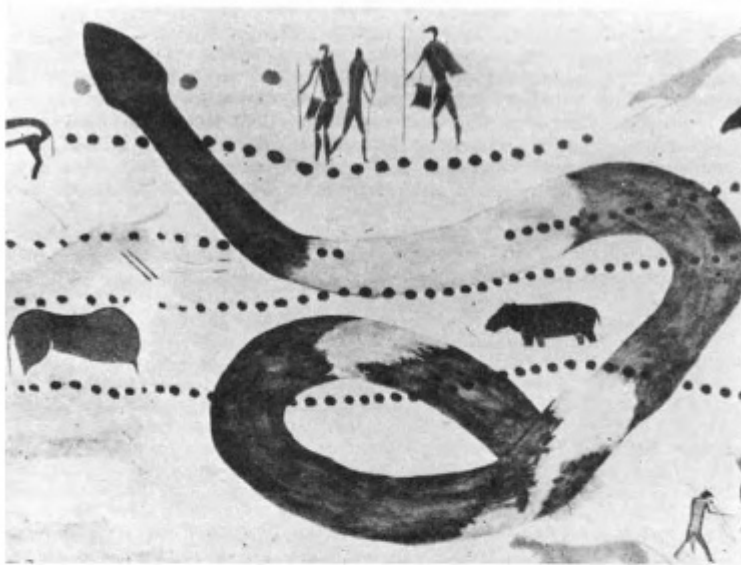


FIGURA 26.7 "Pista da Serpente", pintura rupestre (Foto A. A. A., Mauduit, n. 35 C).

FIGURA 26.8 Dama Branca, pintura rupestre (Foto A. A. A., Duverger, n. DUV-4852).



Fig. 04: Print de página.
Fonte: História Geral da
África – Metodologia e
pré-história da África

De modo geral, distingue-se no Saara três grandes tipos e estilos. Sendo o primeiro o “bubálico” (localizado no sul de Orã, no Tassili e no Fezzan), onde as gravuras eram caracterizadas por um agudo senso de observação. O segundo grande tipo é o da pintura e da gravura naturalistas com figuras de tamanho pequeno, isolados ou em grupos, é o Saara das aldeias e dos acampamentos. E por fim, o terceiro tipo estilístico que é esquemático, simbolista ou abstrato.

Assim, nota-se que em questão das técnicas, as que se destacam são as gravuras, as pinturas, as joias, a cerâmica e a escultura. As esculturas surgem em miniaturas, a cerâmica era preparada com uma liga feita com estrume de ruminantes. As joias eram constituídas por rochas como: amazonita, hematita, calcedônia, assim como o osso e o marfim, na confecção de pingentes, braceletes e adornos para o tornozelo. Em se tratando da pintura, ela não era dissociada da gravura, pois havia esboços gravados sobre as paredes que



FIGURA 26.5 Pintura rupestre, Namíbia (Foto A. A. A., Myers, n. 3672).

FIGURA 26.6 Pintura rupestre, Tibesti, Chade (Foto Hoa-Qui, n. ART 11003).



Fig. 05: Print de página.
Fonte: História Geral da África – Metodologia e pré-história da África

sugerem que os artistas gravavam antes de pintar, a pintura por vezes também demandava aptidões atléticas, em Uede Djcrat, há uma pintura do período Equidiano com 9 m de comprimento, feita num teto com uma inclinação abrupta. E por fim, as gravuras aparecem sobre rochas areníticas menos duras, mas também surge em granitos e quartzitos, sendo executada com uma pedra apontada golpeada com um percutor neolítico, mostrando que apesar das limitações, conseguiam grande precisão técnica.

Deste modo, para pensarmos períodos dentro dessas nuances de classificação de achados da arte pré-histórica em sequências temporais inteligíveis, sugere-se uma abordagem que deva ser geológica e ecológica. Os grandes períodos da arte mural partem da referência tipológica associada a algum animal, quatro grandes sequências foram caracterizadas pelo búfalo, o boi, o cavalo e o camelo.

Há um consenso entre autores, de que é necessário reexaminar a questão dos períodos, por seus procedimentos que às vezes tornam a interpretação arriscada e contraditória. Procedimentos como:

- a) a datação relativa a partir de traços que recobrem outros traços e que, portanto, são mais recentes;
- b) avaliação da antiguidade dos quadros por meio dos animais representados, já que nem todas as espécies viveram nos mesmos grandes períodos;
- c) às pátinas dos quadros e das rochas-suporte, fazendo-se um estudo comparado de suas modificações cromáticas;
- d) aplicação do método estratigráfico à rocha *in situ* que revela sua pouca utilidade, pois o clima úmido que perdurou por longos períodos da pré-história provocou uma lixiviação profunda das camadas que recobrem o solo dos abrigos; enfim, é preciso cuidado nos métodos para amenizar as dificuldades de contextualização.

Finalizando, essa breve articulação de discussão da arte pré-histórica africana, conclui-se que ainda é necessária muita pesquisa para desdobrar o que já foi discutido em relação a ela. E de uma maneira geral, a arte pré-histórica africana ornamentou a África na

região dos planaltos e dos maciços, enquanto a África das altas cordilheiras, das depressões e das bacias fluviais e florestais da zona equatorial é incomparavelmente menos rica nesse campo. Muito ainda poderia ser dito, mas acredito já ter falado bastante, e tendo em vista que este é um campo amplo e com certo grau de complexidade, chegou-se aos confins do que foi proposto aqui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KI-ZERBO, Joseph et al. **A arte pré-histórica africana**. In: História Geral da África – Vol. I – Metodologia e pré-história da África. UNESCO, 2010. p. 743-780